

geografia epistolar :: surrealpolitik.cartografia.org

turbulências

carta-sonho de rita pestana
para augusto barros



Lisboa, 03 de julho de 2020.

Nem tudo começa com um sonho.

Esta carta não começa com um sonho.

Termina com um.

Você, melhor que ninguém, sabe que eu sonho muito durante a noite. Sabe também que é comum lembrar-me dos sonhos quando acordo. Nos últimos meses — não sei se pelo vazio — os sonhos têm encontrado um espaço e um tempo maiores para me habitar. Parece que o meu corpo se transformou numa espécie de sala de cinema do meu inconsciente.

Sempre te falei muito da imaginação como força política. E dói (dói muito) quando nos sentimos cansados, exaustos, para imaginar.

Ultimamente tenho sentido que a nossa capacidade de criar está a esgotar-se pouco a pouco. E somos tão jovens. Não é possível!

Talvez nos andem a fazer sentir que “não há saída” (outra vez?). Olhar as notícias diariamente é a certeza de que este monstro (e falo de todos os monstros — em sentido figurado e não só) são maiores e mais duradouros do que alguma vez acreditamos.

E eu tenho medo que a dor se torne um hábito. Tenho medo de deixar de sentir. E o perigo da falta de sintomas é eu poder já ter morrido (por exemplo, enquanto te escrevo esta carta) sem saber. Sem aviso prévio. E os avisos prévios são importantes.

Então, serenamente e quase sem sintomas, sonhei o que agora te conto.

Você não conhece este shopping. Ele fica aqui em Portugal e se chama Centro Comercial Colombo. Penso que seja o maior de Portugal e sim, o seu nome é em homenagem a Cristovão Colombo. E, se o sonho começa neste lugar, ele pode tender para o pesadelo (deixo a

seu critério). No interior deste Centro Comercial existe um hipermercado chamado Continente (juro que todos estes nomes são reais). Eu estou dentro desse grande hipermercado sozinha, sem nada nas mãos e sem carteira também. O meu corpo está perto das mais de 40 caixas de pagamento onde passam, pelo laser vermelho, os muitos produtos essenciais à população. De repente, num gesto bruto e rápido, as luzes do tecto do Continente começam a cair sobre os atendentes dos caixas e as primeiras pessoas que fazem pagamento. Curtos-circuitos mostram-se inevitáveis, o que dá lugar a explosões que rapidamente criam uma barreira de fogo. Apesar do cenário trágico e dos gritos histéricos eu aparento uma calma surpreendente. Tento racionalizar uma forma de sair daquele lugar mas percebo que não será mais possível: existe agora um muro de corpos, fumo e fogo que não me oferece saída do Continente. Resignada, viro-me no sentido contrário a essa barreira e caminho devagar contrabalançando a velocidade de todas as pessoas que correm ao meu redor. Penso que será melhor ligar à minha

mãe e dar-lhe o pré-aviso da minha morte — afinal, não há saída e os avisos prévios têm as suas vantagens. O mais curioso deste sonho é que, vinda do nada, a Dilma (sim, a Dilma!) está agora ao meu lado, vestida de vermelho (e talvez por isso esta carta só possa ser para você). Ela olha-me e diz-me, muito certa, “vem comigo, há um portão no fundo deste corredor que vai direto para o aeroporto”. Juntam-se a nós três pessoas, que ela me apresenta como seus assessores. Apresso o passo e juntos chegamos a um aeroporto semelhante ao do filme Casablanca. Aliviada, entro finalmente no avião com a Dilma, os seus assessores e muitas outras pessoas que conseguiram chegar ali. O avião está cheio. Somos muitos (e é importante nunca nos esquecermos que somos muitos!). Levantamos voo e começo a sentir um alívio de ter conseguido sair daquele caos. No entanto, uma vez o avião em piloto automático, começa a maior turbulência aérea que senti. Percebo que o meu corpo está de pé e que o meu equilíbrio é muito frágil. Não tenho onde me apoiar a não ser nas pessoas que estão à minha volta. Um medo enorme percorre-me a alma e

olho para a Dilma aterrorizada. Ela sorri-me e, muito calmamente, diz-me: “há saída, mas ela é turbulenta”.

Não sei se os sonhos são formas de imaginação.

Não sei se a dor vai ficar para sempre e virar hábito.

Sei que já temos disponíveis os meios para a criação de um mundo mais justo.

E... agora sei também: há uma saída.

Mesmo que turbulenta.

Rita Pestana é formada em Cinema pela Escola de Cinema de Lisboa. Vive entre o Brasil e Portugal há quase dez anos. Atua principalmente como montadora de filmes de Cinema e também ministra oficinas em audiovisual.

Augusto Barros nasceu em Belo Horizonte e se formou em Comunicação Social na PUC. É cineasta e trabalha como pesquisador e assistente de direção.